INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DO TOCANTINS
CAMPUS GURUPI
CURSO SUPERIOR LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS

EDINALVA RODRIGUES DA SILVA

ENSINO DO TEATRO NO IFTO: UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO MÉDIO AO TÉCNICO

GURUPI – TO
2016

EDINALVA RODRIGUES DA SILVA

ENSINO DO TEATRO NO IFTO: UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO MÉDIO AO TÉCNICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Instituto Federal do Tocantins – Campus Gurupi, como exigência à obtenção do grau de Licenciado em Artes Cênicas.

Orientadora: Professora Me. Marli Fernandes Magalhães.

GURUPI – TO
2016

Silva, Edinalva Rodrigues

Ensino do teatro no IFTO: Uma experiência com o ensino médio ao técnico/Edinalva Rodrigues Silva – Gurupi, 2016.
38 f.

Monografia (Licenciatura em Artes Cênicas) – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Gurupi, 2016.

Orientadora Profª. Me. Marli Fernandes Magalhães

1. Teatro 2. Educação. 3. IFTO I. Título

EDINALVA RODRIGUES DA SILVA

ENSINO DO TEATRO NO IFTO: UMA EXPERIÊNCIA COM O ENSINO MÉDIO AO TÉCNICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Instituto Federal do Tocantins – *Campus* Gurupi, como exigência à obtenção do grau de Licenciando em Artes Cênicas.

Aprovado em:_____/____/_____

BANCA AVALIADORA

_____
Professora Me. Marli Fernandes Magalhães
Presidente
IFTO – Campus Gurupi

_____
Prof° Me. Brenno Jadvas Soares Ferreira
Membro da Banca
IFTO – Campus Gurupi

_____
Profº Esp. André Luiz Moura Siqueira
Membro da Banca
IFTO – Campus Gurupi

Dedico este trabalho ao meu pai José Brito e minha mãe Maria de Jesus que com muito carinho e dedicação me acompanharam nesta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que se traduz em força intrínseca mobilizando minha mente e tornando o meu caminhar mais claro, direcionando meus objetivos e fornecendo condições físicas, intelectuais e espirituais para concretizar uma jornada de trabalho e pesquisa tão importantes.

À minha família em especial meu pai José Brito e minha mãe Maria de Jesus, aos meus irmão e amigos pelo carinho e compreensão nos momentos mais difíceis destes anos de formação.

A todos os professores que durante a graduação contribuíram para minha formação acadêmica, de modo muito especial a minha orientadora neste trabalho, a Professora Me. Marli Fernandes Magalhães pela sua dedicação e preciosa atenção e cuidado.

A todos que direta ou indiretamente ajudaram para que a realização deste árduo e valoroso trabalho se concretizasse.

Obrigada!

Apresso-me a rir de tudo, com medo de ser obrigado a chorar.

Pierre Beaumarchais

RESUMO

Este trabalho refere-se ao relato de experiência do estágio supervisionado que foi concretizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins - *Campus* Paraíso do Tocantins. Tal experiência foi resultado de uma parceria do *Campus* Paraíso, acordada e avençada com o Campus Gurupi, através de um termo de compromisso de Estágio Supervisionado, no qual alunos do curso de licenciatura atuam em outro campus como professor da disciplina de Artes. O termo foi disciplinado com as turmas de Ensino Médio ao Técnico. Como curso de formação de professores a que se propõe a Licenciatura em Artes Cênicas, esta premissa da atuação dos licenciando no contexto escolar se faz necessária, visto que os sujeitos deste processo deveriam constituir-se cidadãos críticos, pensantes e atuantes, detentores de rigorosa postura ética, com uma visão de mundo e de homem, integrada ao contexto histórico, social e cultural. E isso só se torna possível por intermédio da construção do saber científico. Este trabalho possibilita a compreensão da escola em seu cotidiano, refletindo sobre sua organização e fazer pedagógico, percebendo-a como espaço de vivências sócio culturais.

Palavras chave: Educação. IFTO. Teatro.

ABSTRACT

This work refers to the report of supervised internship experience that was implemented at the Federal Institute of Education, Science and Technology Tocantins - Campus Paraíso of Tocantins. This experience was the result of a partnership between the Campus Paraíso, in agreement upon with the Campus Gurupi through a supervised Internship term of commitment; in which the graduate students should act in another campus as theatrical teachers; in such way it function was a requirement of course degree complement. The of agreement term was disciplined with high school classes of technical course level as a course of teacher training that offers a degree in Performing Arts, this premise of the performance of licensing in the school context is needed, as the characters evolved in the this process should constitute critical citizens, thinkers and active, rigorous ethical behavior, with a view of the World and man, integrated into the historical, social and cultural context. And that is only possible through the construction of scientific knowledge. This study make possible our understanding of the school in their daily lives, reflecting on their organization and pedagogical, perceiving it as a space for social and cultural experiences.

Key Words: Education, IFTO, Theatre.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO..... 9

2. RELATO DE EXPERIÊNCIA: O AQUI E AGORA.....12

2.1Ensino médio ao técnico em informática: criando nossa própria história.... 14

2.2 Ensino médio ao técnico em meio ambiente: entre ritmos e sons 17

2.3 Ensino médio ao técnico em Agroindústria: transformando a agroindústria em quadrinhos..... 21

3. A INTERDISCIPLINARIDADE LÍNGUA PORTUGUESA X ARTES.....24

4.MÉTODOS DE RECONHECIMENTO DA TURMA (JOGANDO COM A EXPERIÊNCIA) 28

5. REFLEXÕES SOBRE O APOIO TEÓRICO UTILIZADO 32

6. CONSIDERAÇÕES.....36

7. REFERENCIAS BILBIOGRÁFICAS.....37

ANEXOS RELATÓRIOS DOS ESTUDANTES SOBRE AS AULAS.....

1. INTRODUÇÃO

A discussão sobre o teatro enquadra-se na disciplina de Arte, que de acordo com a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), tem uma função tão importante quanto à dos outros conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem. Os PCNs expressam o fato da Arte ter a mesma importância na educação tanto quanto as outras áreas de conhecimento. Também expressa que a mesma pode auxiliar no processo de ensino de outras disciplinas, fazendo intercâmbio com os temas transversais e, promovendo assim, a interdisciplinaridade**.** Sabendo que a arte jamais deve atuar como suporte à outras disciplinas e sim como um complemento educacional, o qual sua exploração permite uma visão ampla de possibilidades de aprendizado em todos os elementos curriculares, O ensino das artes foi colocado na educação nacional como obrigatório no Brasil em 1971, através da Lei de Diretrizes e Bases:

> [...] entende-se que aprender arte envolve não apenas uma atividade de produção artística pelos alunos, mas também a conquista da significação do que fazem, pelo desenvolvimento da percepção estética, alimentada pelo contato com o fenômeno artístico visto como objeto de cultura através da história e como conjunto organizado de relações formais.(LEI N.5692 da LDB, de 11 de agosto de 1971)

Nesse sentido o Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Tocantins – *Campus* Gurupi – IFTO, que em minha opinião veem a cada dia se consolidando como instituição de ensino de qualidade, que se preocupa com a realidade da população sul, áreas tocantinenses e busca mecanismos tecnológicos e de inovação nas diferentes áreas, que possibilite a ampliação de sua atuação no espaço sócio – econômico - educativo da região, tem como compromisso a formação de profissionais para exercer a função de educador e pesquisador.

Nesse contexto o curso de licenciatura em Artes Cênicas do IFTO - *Campus* Gurupi, com competência para o exercício do magistério relativo à educação básica formal, ensino fundamental e médio, bem como no ensino não formal, por meio de oficinas pedagógicas e ações culturais entre outros, atendendo assim a demanda de formação adequada de professores de arte, carência aparente, não só na região sul, mas em todo estado do Tocantins, fez-se essa parceria com o *Campus* – Paraíso, para aproximar o discente de licenciatura em Artes Cênicas à realidade da escola de

Ensino Básico, unindo a prática à teoria em que já foi aplicada em sala de aula, pois é de suma importância para nós docentes, para que possamos conhecer na prática a realidade das escolas.

Esse trabalho teve como objetivo compreender a escola em seu cotidiano, refletindo sobre sua organização e fazer pedagógico, percebendo-a como espaço de vivências sócio culturais, diagnosticar a realidade escolar percebendo-a como objeto de conhecimento, campo esse de trabalho do professor de Artes Cênicas da Educação Básica e Profissional, Quanto à mim, propus à essa experiência fiquei um pouco receosa com essa nova realidade, era tudo novo para mim, adolescentes que vinham de escolas estaduais com pensamentos diversos, que precisavam compreender que o teatro é uma arte que permite o auto- conhecimento que possibilita uma transformação individual e, por conseguinte, social, porque ao atuar o discente, necessariamente estará relacionando e vivenciando experiências coletivas. Em defesa ao teatro aliado à educação, Cunha (2009) expõe as vantagens dessa integração, como podem ser observadas na citação que se segue:

> [...] utilizar o teatro aliado à educação, oportuniza-se aos educandos um conhecimento diversificado e lúdico, existindo um clima de liberdade onde o aluno libera as suas potencialidades, expressando seus sentimentos, emoções, aflições, sensações, pois é um meio de expressão para o aluno. Quando o educando interpreta um personagem ou dramatiza uma situação, revela uma parte de si mesmo, mostrando como sente, pensa e vê o mundo. É uma atividade artística que permite ao aluno expressar-se, explorando todas as formas de comunicação humana. A atividade teatral amplia o horizonte dos alunos, melhora sua auto-imagem e colabora para torná-los mais críticos e abertos ao mundo em que vive (CUNHA, 2009, p. 295).

Além disso, a arte pode contribuir para uma educação social. Foi uma experiência muito rica para a minha vida acadêmica contar com a orientação do Professor Pablo[1] Marquinho Pessoa Pinheiro nas oficinas de teatro sobre várias temáticas, recorri também a elementos utilizados em outras oficinas que participei no IFTO.

O foco desse trabalho foram às turmas da qual atuei como educadora das séries do ensino médio ao técnico, acredito que ser educadora em tal cenário é sensibilizar o estudante para determinados assuntos, é ampliar sua visão, e fazê-lo sentir vontade de aprender sobre o mundo ao relacionar o aprendizado escolar com

[1] Pablo Marquinho: Professor do curso de licenciatura em Artes cênicas do Campus- Gurupi.

as vivências cotidianas. Essa prática está embasada no conceito de educação pautada no termo *educere* originário do latim, que significa “[...] extrair, desabrochar, desenvolver algo no indivíduo” (ARAÚJO, 1999, p. 8). O termo *educere* propõe uma ação em que o educador exerce o papel de guia no processo ensino-aprendizagem, e o educando seja agente atuante desse processo sob esse prisma, a atividade educacional é concebida como meio para o desenvolvimento das potencialidades do indivíduo. Isso implica compreender o conhecimento como algo inserido no próprio sujeito, entender que cabe ao educador o papel de instigar esse saber para que ele se revele. Como afirma Japiassu:

> [...] uma pretensão equivocada classificar uma prática educativa, seja ela teatral ou não como certa ou errada, sem analisar o contexto onde está inserida. Enfadonho seria todos sermos obrigados a segurar como ‘um só rebanho’ na mesma direção, num único sentido, definitivamente:Pluralidade de sentido! Diversidade cultural! Tolerância! Respeito às diferenças! Afinal, nada é definitivo – viver não é definitivo. (JAPIASSU,1998, p. 22).

Partindo do exposto, pode-se considerar que o teatro permite a possibilidade de criar, a transformação individual e, por conseguinte, social, porque, ao atuar, o discente, necessariamente, estará relacionando e vivenciando experiências coletivas. Essa relação de certo modo “forçada” com o outro possibilita, além da socialização, o florescimento de potencialidades até então inatas.

2. RELATO DE EXPERIÊNCIA: O AQUI E AGORA

Esta narrativa diz respeito à descrição da primeira viagem feita com intuito de atuar no projeto de “Ensino de Artes / Estágio de Docência”. A primeira partida de Gurupi/TO, ocorreu por volta da 00:00 (zero) horas do dia 25/04/2012 e a chegada em Paraíso do Tocantins por volta das 03:00 horas da madrugada do mesmo dia . O dia já começou muito tumultuado, só tivemos 3 horas de sono, com o objetivo de estar de pé às 06:00h da manhã. Em seguida, fomos ao ponto de ônibus para embarcar, chegarmos à região denominada: Distrito Agroindustrial, à aproximadamente 12 km da Cidade de Paraíso do Tocantins, em seguida chegar ao *Campus* de Paraíso do Tocantins do IFTO. Depois dessa viagem inaugural, as outras seguiram o mesmo formato, se repetiram por longos 2 anos de duração. Toda semana tínhamos que fazer esse trajeto de deslocamento, ultrapassando 200 quilômetros até o destino.

Ainda discorrendo sobre o primeiro dia de atividade, assim que chegamos em Paraíso, tiver que enfrentar alguns desconfortos inesperados. O ônibus tomado tinha mais de 60 estudantes aglomerados como podiam, numa situação caótica e insustentável. Estávamos ali, a dezenas de quilômetros de casa, sem nem imaginar o que estaria por vir e a única coisa que tínhamos disponível para a pretensa aula inaugural era um simples plano de ensino a ser entregue ao Gerente de Ensino daquela unidade.

Assim que chegamos ao *Campus*, algumas dúvidas foram sanadas. A recepção da Gerente de Ensino foi calorosa, a mesma disse: “Seja bem vinda, te escolhemos porque, dentre as outras pessoas interessadas, acadêmicas do curso de Licenciatura em Artes Cênicas, você é a única que possui também um curso técnico em Artes Dramáticas, evidentemente isso contou ponto a seu favor”. Foi apresentado a ela o plano de aula, de nossa autoria, minha com orientação do professor Pablo Marquinho.

Logo após os gracejos e elogios a realidade apresentada foi bem menos calorosa. O campus estava com déficit de professores na área de Arte e portanto a chegada de uma estagiária, era a solução para a ocupação dessa lacuna. A gerente de ensino orientou que devia ficar com as turmas do ensino médio e dar aulas de artes, ela usou o termo “suas aulinhas”, acreditei ser pejorativo o termo. Foi nesse

momento que tomamos conhecimento do tamanho do desafio, seria aqui o ponto de partida, quando tudo começou. Tive que assumir 7 turmas de ensino médio integrado ao técnico, com aproximadamente 50 (cinquenta) estudante cada, as aulas duplas com duração de 45 minutos cada, perfazendo 90 minutos nos encontros.

Causou grande choque inicial a notícia do formato, duração e viabilidade das aulas o que incorreu em grande hesitação, eram muitas atribuições para uma pessoa só e inexperiente. Sabendo que Arte não se desenvolve sem condições de trabalho, o professor precisa de tempo e espaço, tanto físico quanto pessoal. Contudo, ponderando acerca dos pontos positivos da atividade, agimos com prudência na definição de um posicionamento. Por fim, entramos em um acordo. Já naquela manhã, iniciamos as atividades com muita coragem e disposição, a despeito dos inúmeros desafios e desestímulos inerentes. Assim que adentramos a primeira sala de aula, fizemos nossa apresentação para os estudante e procuramos uma integração. A maioria era de novatos, ingressantes no 1º ano do Ensino Fundamental, percebia-se uma divisão de classes financeiras,distribuídos quanto à origem. Uma boa parcela, inclusive, era de estudantes oriundos de escolas particulares.

É importante ressaltar que o *Campus* de Paraíso, é referência regional em qualidade de ensino. Sem ter uma atividade prévia programada para o dia de atividade, fomos levados a fazer uso da criatividade. Um recurso para tanto, foi a utilização dos Jogos Teatrais, elemento importante na licenciatura em Artes Cênicas. Trata-se um conjunto de procedimentos para aproximação dos alunos, que permite familiarização e intimidade com a realidade de cada um deles. Esse recurso foi por nós assimilado nas aulas do Professor Brenno[2] Jadvas Soares Ferreira, do Campus Gurupi, quando falava sobre Viola Spolin, uma autora que volta seus estudos para a utilização dos jogos como potencialidade em aprendizados.

Para contornar os obstáculos daquela aula fomos obrigados a assumir literalmente um papel naquela manhã, agir como se fosse outra pessoa na presença dos estudantes, criar um personagem para conseguir ultrapassar barreiras criadas pelas próprias condições que nos era permitida naquele instante, improvisar as falas à medida do desenrolar das relações no momento, o que no próprio curso de

[2] Brenno Jadvas: Professor do curso de licenciatura em Artes cênicas do Campus- Gurupi.

licenciatura é denominado: construção do aqui agora. O importante da manutenção desse papel foi à coerência com os objetivos pedagógicos e incorporar o imprevisível, caso alguma mudança se fizesse necessária. Em suma, ter que aprender a ser ouvinte e a responder aos questionamentos quando esses se fizessem necessários, sempre que possível.

Já nas aulas seguintes, dentro do mesmo dia, o procedimento foi análogo, porém estávamos mais descontraídos e familiarizados. As coisas ocorreram com maior fluidez e espontaneidade. Logo, adquirimos maior confiança para adaptar algumas respostas às perguntas mais frequentes proferidas. A despeito do cansaço, medo de lidar com o inesperado, inexperiência prévia, volume de trabalho, inseguranças relacionadas, a experiência como um todo, foi extremamente edificante e agregou um aprendizado considerável. Os dias, meses e anos subseqüentes, que se seguiram àquele dia de aula inaugural deixaram a certeza de que a decisão de abraçar o trabalho foi certeira. Como resultado disso, cresci muito como ser humano e profissional no campo da educação.

2.1 Ensino médio ao técnico em informática: criando nossa própria história

As aulas de artes eram de acordo com o perfil da turma, utilizavam uma linguagem diferente para cada série, histórias inventadas, histórias vividas, histórias sentidas. Na turma do Ensino médio ao técnico em informática optei por trabalhar com a animação de histórias com massinha, como não tínhamos recursos, improvisavam muitas coisas, biscoitos, jujuba, pipocas, palitos, e a idéia foi aceita de imediato, na semana seguinte os alunos já estavam trazendo sugestões, assistindo à filmes, e realizando experiências caseiras. Alguns estudante já traziam de casa suas propostas, após a formação de pequenos grupos, davam-se inicio á criação das histórias, algumas histórias ficavam claras, as referências dos discente, mas todos contavam histórias inéditas, próprias do seu cotidiano. Paulo Freire (1996) discorre acerca de um certo estado de incompetência afirmando que ele é temporário, na área do ensino/educação numa perspectiva dialógica.

> [...] ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando mas instigá-lo no sentido de que como sujeito cognoscente, se torne capaz de

> inteligir e comunicar o inteligido. É neste sentido que se impõe a mim escutar o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-la, aprendo a falar com ele (FREIRE, 1996, p.119).

Com o roteiro finalizado, usando as massinhas, cada grupo iniciava a criação e a modelagem dos personagens, com a experiência que os alunos adquiriram durante as aulas de artes, a construção dos personagens ocorreu de forma tranquila e fluente, o meu desafio maior foi quando tive que trabalhar com o professor de informática, pois a animação dos bonecos era feita nas aulas de informática, usamos uma versão gratuita e simplificada do programa (*stop-motiom*)[3], que possibilitava importar uma sequência de fotos da câmera digital. A interdisciplinaridade entre as artes e a informática criou uma situação motivadora que reproduz uma aprendizagem, na qual os alunos agregam conhecimento e ampliam seu aprendizado. As aulas tornam-se mais dinâmicas e motivadoras criando-se um elo entre o discente e o conhecimento, graças a essa aprendizagem colaborativa, participativa e significativa.

Já nas aulas seguintes os estudantes já chegavam com novidades e descobertas, em uma das aulas revisando movimentos já trabalhados com eles, um aluno interveio para contar a sua descoberta, foi até o meio da sala e observou grupos que utilizavam bonecos de jujuba, questionou a importância dessas aulas, também observou que através dessa interdisciplinaridade criou-se um diferencial em seus trabalhos de informática, os discentes questionavam muito sobre qual a importância das aulas de artes no curso de informática. Muitas vezes essa inversão de papéis entre o professor e os alunos caracteriza efetivamente a interatividade.

Para realizar essas atividades em sala de aula muitos conceitos foram trabalhados: a construção de histórias através de jogos teatrais, a expressão corporal dos alunos, criação e conceito de cena para que eles pudessem vivenciar uma linguagem diferente. Do ponto de vista de O'Connor e Seymour (1995, p.13)

> [...] arte porque cada pessoa imprime sua personalidade e seu estilo àquilo que faz, algo que jamais pode ser apreendido através de palavras ou técnicas. E é ciência porque utiliza um método e um processo para determinar os padrões que as pessoas usam para obter resultados excepcionais naquilo que fazem. Este processo chama-se modelagem, e os padrões, habilidades e técnicas descobertos através dele estão sendo cada vez mais usados em terapia, no campo educacional e profissional, para criar

[3] *Stop motion*; cria-se a ilusão de movimento.

> um nível de comunicação mais eficaz, um melhor desenvolvimento pessoal e uma aprendizagem mais rápida (O'CONNOR e SEYMOUR, 1995 p.19).

Utilizando essas técnicas foi possível fazer essa ponte entre arte e informática, uma linguagem teatral com a realidade deles, do *stop motiom,* modalidade de animação que utiliza diversos materiais. Através desses personagens criados foram tiradas fotos em sequência e exibidas rapidamente, criando a impressão de movimento, para que esses movimentos tivessem continuidade tínhamos que tirar várias fotos, os alunos mostraram-se perplexos diante das imagens produzidas, já queriam gravar imediatamente, um boneco mexe o braço, anda, uma nuvem se mexe ao fundo, uma porta se abre, o vento balança as flores e as folhas, nesse processo os jogos teatrais foram fundamentais para trabalhar o imaginário dessas pessoas, lembrei das aulas do Professor Brenno Jadvas Soares Ferreira, de quando falava da percepção do espaço e tempo, foi uma construção muito trabalhosa e gratificante para mim, lembro das minhas falas, imaginar por exemplo, um boneco que pisca os olhos, corre, mexe os braços ou abre a boca ...um boneco que aparece em pé, ou só aparece sentado, não precisa ter pernas móveis, mais tem que movimentar com perfeição a cabeça, depois de construir todos os elementos e animar os bonecos, o processo era o mesmo dos filmes comuns, pensamos na trilha sonora e nos efeitos especiais que o *Stop Motiom* nos permitiam trabalhar , ao longo desse ano foi possível observar que os alunos estavam mais participativos nas aulas de outros professores, uma vez que a Arte pode possibilitar essa transformação, estimular o trabalho em grupo e desenvolvimento da percepção, da emoção e da sensibilidade através de várias linguagens, e ampliação das formas de aprender de acordo com as competências e habilidades dos alunos.

> Estamos sempre nos comunicando, pelo menos não verbalmente, e as palavras são quase sempre a parte menos importante. Um suspiro, sorriso ou olhar são formas de comunicação. Até nossos pensamentos são formas de nos comunicarmos conosco, e eles se revelam aos outros pelos nossos olhos, tons de voz, atitudes e movimentos corporais. (STEVE & FAULKNER, 1995, p. 22).

Acredito que, em um ambiente motivador as propostas de trabalho, podem-se propiciar oportunidades de ensino que favoreçam uma aprendizagem mais relevante e transformadora, ao se criar um espaço na escola em que novas práticas possam

ter lugar, é possível não só experimentar outras maneiras de ensinar e aprender, mas também construir mudanças no âmbito de um novo panorama educacional.

2.2 Ensino médio ao técnico em meio ambiente: entre ritmos e sons

Na turma do Ensino médio ao técnico em Meio Ambiente tive que abordar uma nova metodologia, pois o perfil dos alunos era outro. Conversando com alguns, já demonstraram conhecimento por outras áreas das Artes, alguns sabiam tocar diversos instrumentos e outros gostavam de cantar. Seria uma boa oportunidade para desenvolver nas aulas de Artes a percepção auditiva, a interação social e, principalmente o “Fazer músical” com prazer. Sobre o assunto afirma Penna Loureiro;

> [...] musicalizar é desenvolver os instrumentos de percepção necessários para que o individuo possa ser sensível à música, apreende-la recebendo o material sonoro/musical como significativo - pois nada é significativo no vazio mas apenas quando relacionado e articulado no quadro das experiências acumuladas, quando compatível com os esquemas de percepção desenvolvidos (LOUREIRO apud PENNA, 1999, p. 22).

Estudiosos como Loureiro me faziam pensar sobre a maneira de abordar o assunto e assim realizava semanalmente as aulas de músicas nessa turma, fizemos um encontro, no qual eles poderiam demonstrar seus talentos e pude colocar em prática as aulas de música que havia experenciado com meus professores no curso de Licenciatura em Artes Cênicas, na disciplina de expressão vocal e oficinas de música. Lembrei dos “Cinco parâmetros” que os professores de música falavam em suas aulas: técnica, execução, criação, literatura e apreciação. Pautada nesses princípios trabalhei com os estudantes o fazer musical de uma forma mais ampla, na qual a música não seria apenas uma organização dos sons. O docente deve proporcionar os discentes uma diversidade de experiências musicais, respeitado aos diversos estilos de músicas, já que cada um pode encontrar um caminho diferente para seguir no campo musical.

A música faz parte das tradições e costumes de um povo e isso deve ser levado em consideração no ambiente escolar, de modo que a pessoa possa expor seus gostos musicais. Isso poderemos verificar nos Parâmetros Curriculares

Nacionais de Arte, 2001:

> [...]música sempre esteve associada às tradições e às culturas de cada época. Atualmente, o desenvolvimento tecnológico aplicado às comunicações vem modificando consideravelmente as referências musicais das sociedades pela possibilidade de uma escuta simultânea de toda produção mundial por meio de discos, fitas, rádio, televisão, computador, jogos eletrônicos, cinema, publicidade, etc.

Enfrentamos o desafio da busca por uma escola mais justa, que valorize diferenças individuais e construa novas formas de ser e de atuar na educação. Como afirma Brandão;

> [...] vínculo entre a ação cultural e a prática. A Educação Popular foi e prossegue sendo a seqüência de ideias e de propostas de um estilo de educação em que tais vínculos são restabelecidos em diferentes momentos da história, tendo como foco de sua vocação um compromisso de ida-e-volta nas relações pedagógicas de teor político realizadas através de um trabalho cultural estendido a sujeitos das classes populares compreendidos não como beneficiários tardios de um “serviço”, mas como protagonistas emergentes de um “processo” (BRANDÃO, 2002, p.142).

Para que a prática pedagógica se torne inclusiva, sua reinvenção deve apontar novos caminhos para planejamentos, intervenções, instrumentos de avaliação e organização espacial, entre outros aspectos por meio dos quais a ação é concretizada, para isso a diferenciação nas aulas de Artes pode colaborar para garantir o acesso de todos os conhecimentos. No entanto, não falo de uma modificação qualquer da prática pedagógica, mas de alterações muito criteriosas, que devem partir do currículo de referência da turma, considerar as necessidades educacionais dos alunos e também seus saberes, suas potencialidades. Não se trata de abandonar o currículo e trabalhar com quaisquer atividades, mas sim de construir consciente e criticamente propostas diversificadas, de modo que todos os alunos independentemente de suas necessidades tenham acesso ao conhecimento.

> (...) É verdade que toda a vida pessoal e social oferece oportunidades de progredir no saber e no saber fazer. (...) é desejável que a escola lhe transmita ainda mais o gosto e prazer de aprender, a capacidade de ainda mais aprender a aprender, a curiosidade intelectual. Podemos, até, imaginar uma sociedade em que cada um seja, alternadamente, professor e aluno (Delors, 1998, p. 18).

Não basta pensarmos somente em adaptações curriculares como resposta a uma nova situação escolar, ou como a própria reinvenção da escola. É preciso

buscar uma prática pedagógica em que reconheça as diferenças individuais não só como elementos distintos e modificadores, mas também como genuíno integrante da realidade escolar e da comunidade que dela participa, identificar as necessidades dos alunos em cada área do desenvolvimento respeitando as individualidades para gerar envolvimento profundo nas áreas que representam algumas dificuldades.

Dessa forma é preciso inovar no tempo e no espaço, partindo das necessidades dos alunos, de suas possibilidades sem esquecer de valorizar suas particularidades, planejar cuidadosamente os agrupamentos nos quais os alunos fazem suas produções, colocando-os em pequenos grupos, estimulando a interação, podendo criar um ambiente em que o apoio entre eles seja potencializado, criando condições para a construção de uma prática de aprendizagem colaborativa e coletiva. Para Paulo Freire (1980), este diálogo que é um instrumento para determinada libertação dos oprimidos deve ser desenvolvido com o amor em sua essência. Sendo assim;

> O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens o transformam, o diálogo impõe-se como o caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial (FREIRE, 1980, p.82 e 83).

Esse pensamento de Freire nos instiga a fazer intervenções para que os alunos tenham relações interpessoais de qualidade e para que possam ajudar-se mutuamente. Sempre planejava o que cada um deveria fazer e formalizava junto aos grupos, indicando claramente seu papel na produção das músicas, o importante era que o aluno formasse conceitos claros por meio de atividades que abordassem vários estilos musicais, a música fazia presente no cotidiano dos alunos, não importando com cultura, época, período, estilos ou compositor. Porém, a música não pode ser pensada apenas desta forma, como para auxiliar outras áreas do conhecimento,atividades como ouvir música, aprender uma canção, brincar de roda, realizar brinquedos rítmicos, jogos de mãos, despertam, estimulam e desenvolvem o gosto pela atividade musical, além de atender as necessidades de expressão que passam pelas esferas afetiva, estética e cognitiva. segundoBrito (2003, P.31), nos fala que:

> É difícil encontrar alguém que não se relacione com a música [...]: escutando, cantando, dançando, tocando um instrumento, em diferentes momentos e por diversas razões. [...] Surpreendemo-nos cantando aquela

> canção que parece ter “cola” e que não sai da nossa cabeça e não resistimos a, pelo menos, mexer os pés, reagindo a um ritmo envolvente [...]. (BRITO, 2003. p.31)

Esse tipo de aula foi muito importante, pois possibilitou aos estudantes que um auxiliasse o outro e promovesse a interação social entre eles, aliás a interação foi um fator central, pois facilitava o aprendizado, muitas vezes o aluno não consegue captar com o professor, ele acaba aprendendo com um colega que participa da mesma aula, inserida na mesma cultura, no mesmo contexto social, pois a proximidade entre ambos transforma a convivência em liberdade de expressão, facilitando esse diálogo, que com o professor às vezes não tem a mesma essência por causa da timidez, talvez até do distanciamento que muitas vezes existe entre professor/aluno. Trabalhamos percussão[4] corporal, então percebi que o trabalho que fazíamos nas aulas despertava o interesse de alguns alunos, mesmo fora das aulas, eles procuravam executar e aperfeiçoar os ritmos aprendidos em sala.

Um aspecto que muito me chamou a atenção foi relativo à impostação vocal, antes os alunos forçavam a garganta e gritavam na hora de cantar, porém através de exercícios vocais (aquecimentos) ficaram mais suaves, descobri que o trabalho rítmico era o que mais os despertavam para o fazer musical, como eram uma turma com muitos estudantes novatos, busquei refúgio em jogos rítmicos adaptados por mim de Viola Spolin, que lhes interessavam e, ao mesmo tempo, trabalhava o repertório com esses exercícios.

Nessa turma pude perceber o quanto a experiência foi enriquecedora, não só para mim, mas também para eles, aprendemos a tomar decisões para melhorar nossas expressões e interpretações corporais e vocais, tudo isso permeado por uma grande interação social entre os estudantes, trabalhamos o fazer musical, através de paródias, de uma forma divertida. Usava do silêncio para escutar o outro, isso significa ficar sem emitir sons momentaneamente, mas não silenciando na mente.

> A importância do silêncio no espaço da comunicação é fundamental. De um lado, me proporciona que, ao escutar, como sujeito e não como objeto, a fala comunicante de alguém, procure entrar no movimento interno do seu pensamento, virando linguagem; de outro, torna possível a quem fala, realmente comprometido com comunicar e não com fazer puros comunicados, escutar a indagação, a dúvida, a criação de quem escutou. Fora disso, fenece a comunicação. (FREIRE, 1996, p.117)

[4]Percussão Corporal: atividade que consiste em explorar sons do corpo.

Acreditava que poderiam superar alguns sentimentos com os jogos, por estarem envolvidos em uma atividade lúdica, dispondo da oportunidade de demonstrar seus conhecimentos de forma espontânea e contextualizada, adotando como fundamento a teoria de construção do conhecimento, pensando que, ao adaptar os jogos, selecionar os temas, estabelecer as regras e o modo de jogar, o aluno é estimulado à participar de atividades e ter iniciativas, se tornar autor de seu conhecimento, compreendendo que pode e deve intervir no meio, e não se comportando como mero receptor.

O conhecimento está integrado às diferentes situações que vivenciamos e dificilmente um único conteúdo, em todas as etapas de construção dos jogos, pudemos contemplar e articular os diversos conteúdos propostos pelo plano de aula, conceitos e procedimentos, todos os jogos eram construídos e suas regras estabelecidas coletivamente, jogamos no grupo maior ou em pequenos grupos. O registro de cada atividade despertou um olhar mais criterioso sobre o desenvolvimento de cada estudante e sobre o fazer pedagógico, a medida que se observava os resultados positivos, tornava-se possível obter maior segurança para propor novas experiências.

2.3 Ensino médio ao técnico em Agroindústria: transformando a agroindústria em quadrinhos

Na turma do Ensino médio ao técnico em Agroindústria foi proposto outra linguagem das Artes. Segundo os PCNs, as aulas de arte devem contemplar atividades de quatro linguagens: dança, Artes visuais, teatro e música; No dia a dia, a prática tende à combinar simultaneamente os quatro eixos citados para que todos os estudantes participem, é importante que fique claro que todos são interligados, dessa forma a opção foi trabalhar com as artes visuais, durante as aulas de Artes.

Os alunos relataram que em outras escolas eram reduzidas à preparação de atividades em datas comemorativas e à pintura de desenhos mimeografados, o que era passado no momento havia sido apreendido na faculdade, porém estava distante do que os alunos tinham vivenciado até o momento, foram trabalhadas diversas obras de pintores, como: Pablo Picasso, Leonardo da Vinci, houve

situações que foi possível observar que eles faziam uma reeleitura das obras mostradas à eles, ao folhear as obras de Artes desenhavam caricaturas, transformavam as imagens em algo novo.

De acordo com Piaget (1976), “os objetos são assimilados pelo aprendiz a partir dos conhecimentos de que ele já dispõe”, então a opção foi sugerir aos alunos que trabalhassem com histórias em quadrinhos, os mesmos demonstraram grande interesse, nossas aulas eram rápidas, 50 minutos por semana, sempre levava para os alunos leituras a partir de imagens, diferentes categorias que estruturavam o texto visual, e assim possibilitava a construção de uma narrativa, havia ainda o objetivo de que eles conhecessem um pouco das histórias de cordel, o modo de como surgiram os personagens, a evolução dos desenhos, o tipo de texto em uma revista em quadrinhos, a idéia era criar textos em suas várias possibilidades.

Trabalhar com a imagem e com os textos de imagens não era simplesmente identificar os elementos formais, mas sim dizer o que os olhos podiam ver, o objetivo do trabalho era que os alunos pudessem extrair da imagem uma nova significação, construir um novo texto, a busca por um olhar movido pela surpresa, atento e curioso, era o que delineava nosso trabalho, mostrar o diálogo possível entre as formas e as cores, sugerir um trabalho que começava de um jeito, mas cujo final só saberíamos um pouco mais tarde, talvez a intenção seria que os alunos desenhassem essas histórias, e por conseguinte, tivessem a preocupação ou intenção de que, por meio dessas formas de expressão, pudessem construir um sentido, através da imagem criar outros textos, outros sons, subverter e inventar novos sentidos, os alunos observavam e depois construíam narrativas a partir do que vivenciavam, do que sentiam, em grupos ou individualmente os alunos produziam histórias em quadrinhos, nessa fase já entendiam que a linguagem das ilustrações e da pintura reunia características de narrativas, eles não se importavam se as imagens eram reais ou uma criação, no imaginário deles a cena marcava algo, congelava, muitas histórias surgiam.

Foram criadas várias histórias para as imagens, foram recriadas outras histórias para aquelas cenas que já faziam parte do trabalho, a sala de aula foi transformada em uma oficina de constante produção, nas suas mais variadas formas de escrita e criação. A história de cada aluno acabou mostrando caminhos diversos, mesmo trabalhando em grupos, foi possível observar sentimentos, escutar, criar

dentro daquele espaço, sempre havia o questionamento de onde surgia tanta imaginação, ficou claro que o momento de criação é rico e possibilitador de inúmeras ideias. A disciplina foi finalizada com uma exposição em sala de aula, na qual os alunos puderam apresentar as histórias que havia sido criadas, os desenhos e os personagens principais feitos em caricaturas, parecia que o ciclo havia se fechado, mas na realidade ficou perceptível que várias outras possibilidades se abriram, indicando novos caminhos.

3. A INTERDISCIPLINARIDADE LÍNGUA PORTUGUESA X ARTES

Em parceria com a professora de língua portuguesa na prática em sala de aula, foi realizada uma experiência de caráter transdisciplinar envolvendo um entrelaçamento entre a literatura e as práticas teatrais e corpóreas. A obra literária utilizada, de Ariano Suassuna: “Alto da Compadecida”, usa uma linguagem regionalista do Estado de Pernambuco e uma narrativa com possibilidades de montagem muito afeitas ao folclore brasileiro de um modo geral. A primorosa tradução levou muitas pessoas às salas de cinema. O último ato da peça; “O julgamento”, é muito trabalhado nas escolas de ensino fundamental e médio, especialmente nas aulas de português, por guardar algumas características interessantes. O caráter épico da cena e o modo como o protagonista, usando da malandragem, consegue persuadir o demônio, torna a cena antológica.

Dadas as possibilidades literárias, visuais, montagens, criação, composição de figurinos, movimento corpóreo, entre outras, achou-se, por bem, realizar uma parceria para potencializar de maneira cruzada, a aprendizagem dos estudantes acerca da criação do autor. Minha participação no projeto envolveu a implementação de um ato específico da peça, situado no momento final (O julgamento). Para tanto, achou-se por bem organizar os alunos de modo a que cada grupo cuidasse de um aspecto da composição teatral da passagem da obra.

Um dos grupos envolveu a construção da sonoplastia, outro ficou responsável pelos figurinos, um terceiro, pela iluminação, e por fim um último ficou a cargo da confecção dos adereços. A peça foi dirigida pela professora de artes e a montagem foi construída coletivamente. A realização das atribuições dos grupos foi conduzida segundo um itinerário que envolvia obrigações e uma agenda diversificada, visto que a própria missão foi muito diversa. Não houve apoio financeiro para a implementação desse intento, os grupos tiveram que usar de muita criatividade e interesse para que o projeto pudesse ser realizado.

Dentre as atribuições dos grupos poder-se-ia destacar algumas particularidades. O grupo de sonoplastia usou música para construir a atmosfera psicológica do enredo da peça. Foram escolhidas músicas folclóricas do Estado de Pernambuco, no formato Mp3. Um notebook acoplado a uma caixa de som compôs o equipamento de áudio utilizado. O grupo formado por 5 alunos se dividiu entre as

atribuições concernentes a esse trabalho, inclusive na sincronização do áudio com outras aspectos da estrutura da peça.

O grupo responsável pelo figurino trabalhou de maneira muito criativa, também incluindo 5 estudantes, que se redobraram para lidar com limitação de verbas. A roupa de um dos personagens, por exemplo, o padre, foi obtida através de empréstimo de uma paróquia real. Outros estudantes tiveram de buscar em suas roupas dos guarda-roupas e baús familiares alguma solução de material, pensando a composição interessante para o projeto. Alguns objetos cênicos, a exemplo de velas, foram trazidos das casas dos estudantes.

A iluminação foi realizada pelo terceiro grupo, também composto por 5 membros. Para tanto, foi utilizado o auditório do Campus Paraíso. Além da iluminação do próprio anfiteatro, os estudantes levaram um canhão de fumaça para a encenação das passagens envolvendo transições e movimentos. As velas também foram empregadas na composição da iluminação, visto que havia uma passagem na peça, a qual eram apagadas as luzes do auditório e tudo era mantido somente com a iluminação das velas, aumentando em determinadas passagens o drama e a intensidade da representação.

O grupo responsável pela confecção dos adereços, também com 5 membros, trabalhou com materiais reciclados. Foram utilizados elementos que reproduziam a caatinga e o contexto do vilarejo representado na encenação. Feixes de capim, captados no cerrado, foram extraídos, amarrados e colocados na composição do cenário. Luzes de pisca-pisca natalinos, foram empregadas para realçar alguns aspectos do purgatório fictício, como aquela em que o protagonista aparece estirado de maneira cadavérica. O grupo também foi o responsável por organizar as mesas e as cadeiras. Em paralelo a essas ações, alguns estudantes atuantes na montagem cênica se incumbiram da maquiagem. Estas foram simples e realizadas basicamente através da utilização de tinta guache. A expressão dos sertanejos também foi simples na maquiagem, pois as dificuldades vivenciadas por eles foram caracterizadas na aridez da expressão dos mesmos.

A montagem da peça foi muito articulada e envolveu o trabalho conjunto e organizado de todos os grupos envolvidos, mas que, no final, culminou numa legítima e completa apresentação teatral. O trabalho combinado dos grupos foi bem distribuído, de modo que não houve sobrecargas sobre alunos em específico.

Enquanto alguns estudantes estavam em cena outros estavam nos bastidores, dando suporte. A professora de artes foi ao mesmo tempo diretora e contrarregra da peça.

O empenho dos estudantes foi redobrado pelo fato de que o projeto incluiu um objetivo adicional de se configurar como o plano de projeto final de curso dos mesmos. Eles tiveram a opção de trabalhar na apresentação da peça, em detrimento da obrigação de uma apresentação formal para banca constituída especificamente para tal. Daí, um fator que induziu os mesmos a redobrarem esforço coletivo para a montagem da peça, essa avaliação foi uma segunda demanda.

Na atuação como docente, foram encontrados inúmeros obstáculos em decorrência da inexperiência. Um dos principais entravés foi à falta de tempo para a execução dos trabalhos, morava em outra cidade e fazia deslocamentos semanais de 200 km para encontrar com os alunos uma vez por semana, que tornava o tempo insuficiente para a dedicação ao projeto integralmente. Para minimizar essa limitação, foi necessário atribuir à uma das estudantes a responsabilidade de assumir as funções de diretora da peça em ausência da professora, para que os estudantes não perdessem o ritmo dos trabalhos e ensaios.

Devido à falta de conhecimento teórico, de muitos elementos técnicos envolvidos na peça, que normalmente deveriam ter sido aprendidos e trabalhados nas disciplinas da graduação, nos vimos obrigados a buscar alternativas externas para cobrir essas lacunas. Um dos recursos utilizados como fonte de pesquisa foi à própria internet, também o auxílio do orientador foi importante para sanar inúmeras dúvidas que ocorriam durante o processo.

Assumir uma responsabilidade que não era compatível com a capacidade à época e situação não deve ser considerado um erro, mas sim uma estratégia de trabalho para que possibilitasse um amplo e recíproco aprendizado. Portanto teve um enorme desafio o que obrigou a despender muito esforço, boa vontade, criatividade e bom humor para conseguir contornar a situação e fazer acontecer. De qualquer forma, foi bastante compensador, pois se pode superar muitas limitações e restrições o que trouxe maturidade e tornou a experiência satisfatória e edificante.

Figura 01: Construção da Cena do Julgamento / Peça Alto da Compadecida



Fonte: Acervo do IFTO - Paraíso

4. MÉTODOS DE RECONHECIMENTO DA TURMA (JOGANDO COM A EXPERIÊNCIA)

Através dos relatos de experiência que os alunos faziam ao final da aula pude obter novas informações e inspirações; Por meio dos relatos era possível observar alguns sentimentos, nesse ponto minhas observações não consistem, apenas nos relatos que os alunos faziam de seus momentos mais significativos das aulas, o objetivo dos relatos era de possibilitar a oportunidade de se pronunciarem sobre as dificuldades no processo de criação de cada indivíduo. Por meio dessas informações foi possível aprender a expressar ideias e sentimentos; A sala de aula precisa ser um espaço diferenciado, capaz de transmitir aos alunos informações relevantes para sua formação, essa estratégia que utilizei nas aulas auxiliou a conhecer melhor a individualidade de cada um. A partir desse momento comecei a trabalhar considerando as dificuldades, exigindo novas atenções, facilitando da construção de algumas informações que porventura viessem a faltar, ou estivessem desorganizadas. Segundo Demartini:

> A dialética entre os dois tipos de registros – o escrito e o oral – parece existir durante toda a pesquisa, e acreditamos que seja fundamental; o pesquisador, mesmo ao trabalhar apenas com o material escrito está constantemente utilizando as imagens que ele próprio registrou em sua mente, e que, embora às vezes incompletas, lhes permitem estabelecer a todo momento a ligação entre uma informação particular dada por um informante, e o contexto todo do qual ela foi tirada. (Demartini, 1992, p. 54)

Desta maneira os relatos construídos permitiam uma interação subjetiva dos estudantes, possibilitando a compreensão de resultados individualizados dentro de uma dinâmica interna de relações, no tocante auxiliou a apontar como conduzir os trabalhos em grupo, os alunos passaram não só a escrever suas vivências de maneira mais extrovertida, como também a se expressar verbalmente melhor. Segundo a estudante Nilse de Souza (anexo 4):

> “Nas aulas de artes nós nos expressamos de várias formas desde cantar, desenhar, movimentar-se e várias outras coisas. A Arte que nós fizemos aqui em sala de aula expõe muitas coisas que nosso interior nunca mostra. Por mais que muitas pessoas digam que não sabe o que é arte, ela sabe com certeza pode, não ser corretamente, mas um pouco sabe e pratica também. Por mais que eu não demonstrei muito nas aulas eu gostei das aulas e até tive coragem de apresentar o canto.”

Assim se faz necessária refletir sobre que ensino de artes temos hoje, partir da reflexão e leitura. Nas escolas ainda carrega o estigma de ser uma disciplina não necessária para a formação do sujeito, atribuída a ela uma valorização para os aspectos recreativos ou de uma “lucidade” espontaneista. Segundo a estudante Maria Clara (anexo 3):

> “A Arte é uma forma de viver, uma forma de se expressar, é uma forma de agir e criar novas idéia, ser diferente. Há muitas pessoas que se referem a Arte apenas como música, dança e teatro. Para mim a maior arte nas aulas foi trazer mais interação dentro da sala, acho que arte também é fazer alguém sorrir, por várias vezes me encontrava triste, sem ânimo nas aulas de Arte, eu sorria quando menos esperava. Confesso que no começo não era muito a favor das aulas, agora acho que sem as aulas eu piro, por que essa escola é muito corrida.”

Tendo em vista que o ensino de Artes auxilia outras áreas do conhecimento é pertinente que se dê a importância necessária para esta disciplina. Como professora de Artes percebi alunas com certas dificuldades em demonstrar seus fazeres artístico, me intrigava saber que detinham saberes, mas que existia a dificuldade em manifestar esses saberes no cotidiano da disciplina de Artes. Sobre isso diz Paulo Freire:

> O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência. (FREIRE 2011, p. 58-59)

Assim, torna-se compreensível a participação dos saberes adquiridos durante o exercício do ofício de professor, respeitado o senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo á capacidade criadora do educando, a qual é construída através das interações com a escola e todo percurso de escolarização. Segundo a estudante Thais Gomes (anexo 5):

> “Nas Artes você percebe que teoria e prática caminharão juntas, pois o objetivo de seu estudo não se restringe ao domínio dos fazeres artísticos, mas também da compreensão dos conteúdos necessários á sua apropriação e expressão, isto é a Arte, envolve um processo racional, pois embora normalmente as pessoas não pensem desta forma, a razão é

> necessária artística.”

Na fala dos alunos observo que as aulas de Arte é uma forma de resgatar estudantes que desacreditam que podem gostar de estudar, é um modo de despertar o interesse pelo conteúdo em estudantes que estão completamente desconectados, o ponto principal é fazer com que eles notem que conseguem aprender por conta própria, não é o professor que ensina, mas eles que aprendem, acontece uma troca. A estudante Gabriella Silva (anexo 1):

> ”Expressa seus sentimentos em relação a aula de Artes; “na Artes podemos expressar nossos sentimentos e emoções de diferentes formas, mas para isto temos que ter olhos artísticos, pois a Arte não está simplesmente em grandes obras mas também nos pequenos detalhes de nossas vidas. Nas últimas aulas desenvolvemos várias atividades, com expressões corporais, como o teatro, elaboração dos fantoches, músicas que contamos, vídeos que assistimos, também Arte com o manuseio de massinhas de modelar, trabalhamos as nossas expressões em relação aos vídeos pessoais que fizemos e também a elaboração dos gibis, assim formando a nossa construção artística com uma diversidade de elementos”.

O mais importante dos relatos é a mudança de perspectiva dos estudantes, estava apresentando uma nova perspectiva para trabalhar dificuldades que eles enfrentam, ter um papel realmente ativo em sala de aula, as mudanças ocorridas ao longo da história da humanidade, necessitaram de um considerado período de tempo para se concretizarem. Acredito, portanto, não ser diferente no caso do espaço, é possível observar, que a proposta dos relatos estava aliada a aprendizagem.

Observo que somos fruto de um sistema, despreocupado com a educação de cidadãos conscientes, e que para constituirmos uma visão crítica, fazem-se necessário vários fatores, no qual citaria a inquietação como sendo um dos mais importantes, talvez por este ter sido o que me levou a dirigir um novo olhar sobre as dificuldades expressas nos relatos, auxiliou também a convivência em grupo, como demonstra a aluna Raphaella Leão (anexo 2):

> “nas aulas de Artes aprendemos acima de tudo a ser unidos e testamos muito o nosso conhecimento, com o objetivo de chamar a atenção e compreender o que estamos fazendo. Fizemos várias brincadeiras em que tem que usar a imaginação e criação no qual a nossa sensibilidade opera mais intensa. Mas todos nós precisamos conhecer para analisar e apreciar a arte, no caso dela os elementos familiares e os elementos fundamentais são os elementos formais, perpassando a relação do tempo e do espaço”.

Reafirmei que não devemos citar os jogos teatrais como brincadeira, porém entendi as informações passadas Raphaella. Por fim o objetivo dos relatos foi promover a integração na turma, desenvolvendo a criatividade de cada um. Cabe também uma observação ao educador, em qualquer que seja a sua função, as suas características, tais como personalidade, aparência, naturalidade, dinamismo, entusiasmo pelo trabalho, bom humor, cordialidade, disposição e generosidade, são importantes fatores motivacionais observados por quem os cerca, ou seja, os alunos estão sempre observando o professor como um todo.

5. REFLEXÕES SOBRE O APOIO TEÓRICO UTILIZADO

Instituído como componente obrigatório, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), no artigo 26º, parágrafo 2º, o teatro ganhou novas dimensões no interior da escola. Segundo esse documento o ensino da Arte tornou-se obrigatório “nos diversos níveis da Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos estudantes” (1996). Ao se fazer conhecer arte, o discente percorre trajetos de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo exterior.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em especial as propostas de Arte, envolvem complexas questões. Eles já estão nas escolas, influenciando a prática pedagógica e também gerando inquietações, inclusive em nossa área, as Artes. Em todos os ciclos da educação fundamental os Parâmetros Curriculares dão a essa área, uma grande abrangência, propondo modalidades artísticas: Artes Visuais, com maior amplitude que Artes Plásticas, englobando artes gráficas, vídeo, cinema, fotografia e as novas tecnologias, como uma modalidade específica. Estabelecem três diretrizes básicas, eixos da chamada “Metodologia Triangular”, ou como defendida por Ana Mae Barbosa, citada em sala de aula a “Proposta Triangular” e se já conhecida, são os seguintes eixos: Produzir; contextualizar; e apreciar.

A disciplina Artes foi se profissionalizando aos poucos, porém, continua sendo foco de preconceito sobre sua relevância no currículo escolar, como se pode notar na carga horária destinada á componente curricular, e na hora de solicitar tempo para atividades extraclasse. No processo de aprendizagem do ensino de Arte, os PCNs auxiliam os professores a identificarem atividades e demonstram a importância da disciplina de artes como qualquer outra matéria do fluxograma de ensino. Já o estudante produz ou aprecia obras de arte e desenvolve sua percepção e imaginação, promovendo recursos indispensáveis para compreender outras áreas do conhecimento humano.

Os exemplos são variados e um bom exemplo é o aprendizado dos períodos históricos, que podem ser melhor entendidos, quando se relacionados as produções artísticas de cada época. As escolas costumam usar trabalhos manuais como atividade de apoio ao desenvolvimento da leitura e da escrita, também

apresentações teatrais fazem parte da estratégia didática para várias disciplinas, que não só as artes.

Nesse sentido o estágio supervisionado propicia a complementação do ensino e da aprendizagem e são planejados, executado, acompanhado e avaliado em conformidade com as normas, devidamente aprovado pelos órgãos competentes, e disponíveis para todos os discente e professores. O estágio constitui-se em instrumento de integração, vinculando a teoria e a prática pedagógica, oportunizando desta forma uma aproximação do ambiente acadêmico com as práticas escolares, refletindo sobre elas e interagindo nelas de forma a garantir um aperfeiçoamento profissional e de relacionamento humano.

O estágio curricular supervisionado é estipulado de acordo com as normas nacionais e institucionais vigentes, devendo a reflexão e a avaliação e a possível reformulação do Projeto Pedagógico do Curso (PPC), quando necessário especificar a natureza das atividades componentes dos estágios e suas cargas horárias respectivas, atendendo aos mínimos estabelecidos conforme legislação, e tem sua carga horária distribuída em diversas atividades como visita à unidade concedente para contato com as equipes pedagógicas responsáveis e com os professores regentes da escola campo (diagnóstico), plano de trabalho (elaboração de Projetos, Planos de Ensino, Planos de Aula, análise dos livros didáticos utilizados na escola campo etc.), estágio de observação orientada; estágio de participação significativa; estágio de regência (direção de classe/participação em projetos da escola); elaboração, análise, execução e socialização de projetos de intervenção; elaboração do relatório final, fruto da reflexão sobre as atividades desenvolvidas no período de estágio, assim como relatórios parciais relativos à evolução das atividades.

O fato de o estágio ser supervisionado o torna um treinamento, uma forma de profissionalização, no qual o estudante vivenciará o que tem apreendido na graduação, pois passa a perceber como os conteúdos apreendidos podem ser úteis na prática e como podem ajudar a eliminar as falhas existentes. É um dispositivo que pode fazer a diferença para aqueles que estão adentrando ao universo do trabalho e que têm o poder de contribuir para melhorar a lamentável realidade da educação brasileira então observada. A autora Beatriz Ângela Vieira CABRAL (1998), diz o seguinte;

> [...] uma atividade de que pode trazer imensos benefícios para a aprendizagem, para a melhoria do ensino e para o estagiário, no que diz respeito à sua formação, certamente trará resultados positivos, além de estes tornarem-se ainda mais importantes quando se tem consciência de que as maiores beneficiadas serão a sociedade e, em especial, a comunidade a que se destinam os profissionais egressos da universidade. (CABRAL, 2006, p. 2).

Como podem ser observadas, as leis maiores da educação nacional ditam as diretrizes e parâmetros aos sistemas de ensino público ou privado no que se refere ao ensino de Artes, dentre estas, insere-se a arte cênica. Cunha (2009, p. 293), a despeito de todo incentivo dos órgãos oficiais de ensino, de iniciativas aleatórias de escolas e de professores, o teatro "na educação ainda é um espaço a ser conquistado", ressalta;

> Apesar de existirem educadores que acreditam na força que a arte de encenar tem para promover a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno, ainda há um grande número de escolas que não aceitam e não valorizam a atividade teatral no processo educativo. Isso pode se dar devido a enorme carga transdisciplinar que permeia o teatro, o qual gera algo novo, causando, assim, o risco da descoberta (CUNHA 2009, p. 293).

Por outro lado, é oportuno registrar que, quando essa forma artística, o teatro, ganha espaço no cotidiano escolar, acaba sendo apropriada de maneira, no mínimo, incoerente, seja por desconhecimento ou puro descuido. Tendencialmente é visto como possibilidade de grandes espetáculos ou como terapia em grupo, procurando sanar as dificuldades de aprendizado e de comportamento de alguns discentes. Conforme entende Cunha (2009, p. 294) "o ensino das artes no Brasil ainda é contemplado sem a atenção necessária por parte de muitos professores, funcionários da educação, pais de alunos e estudantes, sendo considerado supérfluo".

Assim como Cunha (2009), Silveira (2006, p. 3) ressalta que não devemos encarar a "presença do teatro na escola como um simples treinamento para o palco", tendo, exclusivamente, "um enfoque voltado para a formação de atores e atrizes". Muito menos com a tarefa de "promover a desinibição e socialização, procurando motivar os alunos a participarem das atividades de outras disciplinas" (SILVEIRA, 2006, p. 3). Tal relato é um constrangimento à classe de profissionais capacitados em artes, pois ao adentrarem a realidade de ensino básico se deparam com colegas

que recebem as artes como apoio as demais disciplinas, e se vêm no direito de solicitar “teatrinhos” para seus alunos, principalmente em datas comemorativas.

Entende Silveira (2006, p. 2) que nos dois processos de ensino do teatro, o resultado, “muitas vezes, reforça os estereótipos e padrões impostos pela cultura de massa principalmente, as telenovelas, única referência de dramaturgia para a grande maioria da população brasileira”. Contrapondo-se a essa visão, a mesma estudiosa defende a necessidade de o teatro existir dentro da escola, abrindo um espaço que permita reconhecermos o seu ensino como um fim em si mesmo, e não por ser instrumento para fins de outra natureza. Acredita-se então, que os próprios profissionais do teatro precisam travar uma batalha contra esse descrédito que às vezes é direcionado ao fazer teatral.

Aos olhos de Koudela (2004, p. 27) “o teatro poderá e deve ministrar educação e ser agente e meio de educação”. O teatro, sob esse ponto de vista, possibilita ao educando o desenvolvimento integral de todas as suas potencialidades de certo modo inativas. Nas palavras dessa estudiosa;

> [...] o teatro, enquanto proposta de educação, trabalha com o potencial que todas as pessoas possuem, transformando esse recurso natural em um processo consciente de expressão e comunicação. A representação ativa e integra os processos individuais, possibilitando a ampliação do conhecimento da realidade (KOUDELA, 2004, p. 78).

Desta maneira é preciso compreender que por meio de jogos teatrais, ensaios e construção de uma peça, as pessoas realizam os mesmos gestos e atitudes, entregando-se aos mesmos objetivos. Essa vivência de um único movimento rítmico estabelece uma comunhão de sensibilidades, uma sintonia objetiva que mergulha todas numa emoção.

6. CONSIDERAÇÕES

O estágio de docência consolidou um momento de idealizar e implementar o nosso fazer pedagógico, o que pelo fato de o fazermos cotidianamente, muitas vezes, o elaboramos de forma automatizada e às vezes não conferindo o real sentido daquela experiência em que aprendemos e ensinamos simultaneamente, foi uma experiência extremamente edificante, uma vez que entende que o processo de ensino e aprendizagem exige trabalho dedicado, debates, reflexões, saber ouvir, respeitar as realidades individuais e colaborações do aluno.

Foi necessário deslocar da nossa zona de conforto, pois as demandas foram diversas, desde as limitações quando não ausência de recursos financeiros e a falta de tempo para elaborar tarefas pequenas, mas não menos relevantes. Enxergar o aluno descrevendo e registrando sua própria história, com percepção de que ele é agente dessa história, uma experiência realmente muito compensadora. Dessa forma, percebe-se que o Estágio Supervisionado de Docência, realmente consolida uma formação continuada, já que nos convoca a refletir sobre nossa prática alicerçada por uma teoria e nos move para a prática.

Assim, o estágio contribui para nossa construção acadêmica pessoal, independente da experiência em sala ou não, mesmo porque ser professor é pensar e repensar sua prática dinamicamente. Logo, estagiar na nossa própria área de conhecimento possibilitou uma amplificação do olhar, a vontade de agir de forma inovadora, de ampliar nossos fazeres, partindo dos novos saberes. O que certamente contribuiu não apenas com a nossa formação, mas principalmente com uma educação voltada para a autonomia dos nossos estudantes, direcionada para as máximas possibilidades de apropriação do ser humano. Agora se pode pensar melhor junto aos pesquisadores do campo do teatro que anseiam que o ensino do teatro seja realmente valorizado e reconhecido como uma prática tão importante quanto as práticas de outras áreas de ensino.

7. REFERENCIAS BILBIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Deuzimar Serra. **Uma metodologia dialógica e proativa para alfabetização de jovens e adultos.** Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Maranhão – Ciência daEducação: Maranhão, Caxias, 1999. Acesso em: maio de 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã.** São Paulo: Editora Vozes, 2002.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na Educação Infantil: propostas para formação integral da criança.** 2ª ed. São Paulo: Petrópolis, 2003.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: arte / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997b.

CABRAL, Beatriz. **Pedagogia do teatro e teatro na educação.** In: REUNIÃO CIENTÍFICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS, 4 realizado em 1998. Disponível em: http://www.portalabrace.org/ivreuniao/GTs/Pedagogia. Acesso em: 20 de maio 2009.

CUNHA, Ademilson Henrique da Cunha**. Teatro na escola: proposta para a educação moderna.** Disponível em: http://www.fapa.com.br/monographia. Acesso em: 20 de maio2009.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **Trabalhando com relatos orais: reflexões a partir de uma trajetória de pesquisa** – reflexões sobre a pesquisa sociológica. Caderno Textos, n. 3, São Paulo: CERU, 1992.

DELORS, Jacques (org.). **Educação: um tesouro a descobrir – Relatório para a comissão internacional sobre educação para o século XXI**. São Paulo: Cortez, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários á pratica Educativa/** 43ªedição, São Paulo: Paz e terra 2011. FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido -50ª. Ed. Ver. E atul . – Rio de Janeiro: Paz e terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do ensino de teatro**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

KOUDELA, Ingrid D. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LDB- **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O.U. de 23 de dezembro de 1996.

Lei n° 5692/71 de 11 de Agosto de 1971 – LDB: Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional

LOUREIRO, Helena. **Musicalização de bebês.** Monografia (Especialização em Metodologia da Ação Docente) - Centro de Educação, Comunicação e Artes. Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 1999.

O,CONNOR, Joseph; SEYMOUR, John. **Introdução à programação neurolingüística**: como entender e influenciar pessoas. São Paulo: Summus, 1995.

PENNA, Maura. **Reavaliações e buscas em musicalização**. São Paulo: Loyola, 1990.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de janeiro: Forense Universitária, 197

Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Vol.3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

SILVEIRA, Tejada da Silveira. **Teatro na escola: Possibilidades de uma "prática educativo- crítica".** Acesso em: 20 de maio 2009.

SPOLIN, Viola. ***Jogos Teatrais na Sala de Aula: um manual para o professor***. São Paulo: Perspectiva, 2010.

STEVE, Andréas; FAULKNER, Charles. PNL, **a nova tecnologia do sucesso**. Tradução de Talita Macedo Rodrigues. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

ANEXOS RELATÓRIOS DOS ESTUDANTES SOBRE AS AULAS

ANEXO 01

Jesus sempre vai comigo.

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Tocantins
Nome: Gabriella Silva Costa Campelo
Professora: Edinalva Turma: 2º Meio Ambiente

Artes

Na artes podemos expresar nossos esentimentos e emoções de diferentes formas. Más para isso temos que ter olhos artísticos, pois a arte não está simplesmente em grandes obras más também nos pequenos detalhes de nossas vidas.

Nas ultimas aulas desenvolvemos várias atividades, com variedade de expressão, diferentes visões e modos de se desenvolver, com expressões corporais, como o teatro, elaboração dos fantostes, musicas que cantamos, videos que assistimos, também arte com o manuseio com massinhas de modelar, trabalhamos as nossas expressões em relação aos videos pessoais que fizemos e também a elaboração dos gibis, assim formando a nossa construção artística com uma diversidade de elementos.



SMILINGÜIDO © LUZ E VIDA
credeal

ANEXO 02

DATA

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
Campus Paraíso do Tocantins

Nome: Raphaello Leão Souza
Professora: Edinalva
Série: 2º Ano Meio-Ambiente

Nas aulas de Arte aprendemos acima de tudo a ser unidos, e testamos muito o nosso conhecimento, com o objetivo de chamar a atenção e compreender o que estamos fazendo.

Temos varias brincadeiras em que tem que usar a imaginação e criação no qual a nossa sensibilidade opera de forma mais intensa.

Mas todos nos precisamos conhecer para analisar e apreciar a Arte, no caso dela os elementos familiares e os elementos fundamentais são os elementos formais, a composição, os movimentos ou os periodos, e perpassando a todos estes, a relação do Tempo e do espaço.

PESQUISAR MAIS SOBRE ESSA MATÉRIA:

credeal

ANEXO 03

D S T Q Q S S

IFTO - Campus Paraíso do Tocantins
Disciplina - Artes
Aluna: Maria Clara Tavares de Sousa

* Como você define a arte ?

A arte é uma forma de viver, uma forma de se expressar, é uma forma de agir, arte é criar novas ideias, ser diferente. Há muitas pessoas que se referem a arte apenas como musica, dança e teatro.

Pra mim a maior arte nas aulas foi trazer mais interação dentro da sala. Acho que arte também é fazer alguem sorrir, por varias vezes me encontrava triste, vem ânimo nas aulas de arte eu sorria quando menos esperava.

Confesso que no começo não era muito a favor das aulas de artes, e agora acho que sem aula de artes eu pirro por que essa escola é muito corrida. Parabéns professora foi muito legal.

Até o ano que vem.
Desejo Tudo de Bom...
Feliz ano Novo.

credeal

ANEXO 04

DATA 27 / 11 / 13

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins

Aluna: Nilse de Souza

Prof°: Edinalva Disciplina: Artes

Nas aulas de artes nós nos expressamos de várias formas desde cantar, desenhar, movimentar-se e várias outras coisas.

A arte que nós fizemos aqui em sala expõe muitas coisas que nosso interior nunca mostra. Por mais que muitas pessoas diga que não sabe o que é arte, ela sabe concerteza pode não ser corretamente mais um pouco sabe e pratica também.

Por mais que eu não demonstrei muito mas eu gostei das aulas e ate tive coragem de apresentar o trabalho de cantar.

PESQUISAR MAIS SOBRE ESSA MATÉRIA:

credeal

ANEXO 05

DATA ___/___

IFTO - Campus Paraíso do Tocantins.
2°Ano: Meio Ambiente.
Componente Curricular: Artes.
Aluno(a): Thaís Gomes de Oliveira Lopes.
Professora: Edinalva.

O que fizemos na aula de Artes.

Nas aulas de Arte você percebe que teoria e prática caminharão juntas, pois o objetivo de seu estudo não se restringe ao domínio dos fazeres artísticos, mas também da compreensão dos conteúdos necessários à sua apreciação e expressão, isto é a Arte envolve um processo racional pois, embora normalmente as pessoas não pensem desta forma, a razão é necessária artística.

O que nós aprendemos nas aulas de arte é que vemos filmes, cantamos, e fizemos várias outras coisas.

É por isso a arte está presente no nosso dia a dia, faz parte de nossa vida e às vezes nem a percebemos.

PESQUISAR MAIS SOBRE ESSA MATÉRIA:

credeal